

Filipe Reis, *Educação, ensino e crescimento: o jogo infantil e a aprendizagem do cálculo económico em Vila Ruiva*. Lisboa, Escher, 1991.

O autor deste livro tinha, na data da sua publicação, 26 anos de idade. Nasceu em S. Romão, Seia, e completou o curso de Antropologia do ISCTE em 1987. Trabalha, presentemente, como Assistente nesse mesmo Instituto, no Departamento de Antropologia, e continua membro activo da equipa do Professor Raul Iturra, antropólogo de renome e investigador responsável do projecto "Relações Sociais, Tecnologia, Saber Letrado: os textos do saber oral na reprodução social", financiado pela JNICT e no âmbito do qual têm sido produzidas várias obras, incluídas na colecção "Aprendizagem para Além do Trabalho" das Edições Escher (Lisboa).

Filipe Reis está de parabéns pela selecção da belíssima pintura de Murillo, "Niños Jugando a los Dados", para a capa do livro. Parece que a ideia original de utilizar uma pintura para as capas desta colecção foi de Raul Iturra, com cada autor seleccionando a pintura que achava mais adequada ao conteúdo. Talvez seja aqui que encontramos o primeiro sintoma do que eu queria chamar a *construção da dicotomia* entre cultura oral e cultura letrada. Seleccionar uma pintura constitui uma clara "jogada" no campo da cultura letrada. Mas, ao mesmo tempo, encontramos uma tentativa de *ultrapassar a dicotomia* proporcionada pela "emoção", pela "afectividade", pelo apelo aos "sentidos", que podem funcionar como elo de ligação com a cultura rural.

*Qual é o público deste livro?* Encontra-se inserido numa colecção que se dirige não só ao mundo dos antropólogos mas também, e talvez *especialmente*, ao mundo dos agentes educativos. Sendo assim, como é que um

educador/professor pode ler este livro? Ou talvez, melhor, o que é que este livro diz ao professor/a na escola portuguesa? Ou ainda, o que é que este livro nos ensina sobre as dicotomias presentes, mas raramente confrontadas, na escola portuguesa? Na verdade, dicotomias como rural/urbano, escola/comunidade, cultura da escola/culturas locais, código restrito/código elaborado tornaram-se, praticamente, lugares-comuns no vocabulário dos agentes educativos. E o que também é verdade é que estes lugares-comuns produzem efeitos reais nefastos!

A hipótese base para todos os trabalhos produzidos sobre Vila Ruiva tem sido, segundo Raul Iturra (citado por Filipe Reis), o estudo da racionalidade da reprodução social:

(...) estudo da construção de ideias que orientam a reprodução enquanto produzidas pelos próprios camponeses, ou a análise do processo de reprodução de produtores. Especialmente, trata-se do estudo da importância das relações sociais, tecnologia, ritual e escrita como textos do saber oral (Projecto JNICT, 1987).

Este estudo do processo de reprodução tem dois objectivos principais: a) relativizar a ideia de um Ocidente letrado onde a palavra escrita é definidora das condutas, e b) compreender a importância de como, em momentos de transformação, as ideias reprodutivas continuam a ser manipuladas estrategicamente como resposta aos novos constrangimentos.

Quanto ao primeiro objectivo, estou imediatamente lembrado da minha relativamente recente participação na 1ª Conferência de Sociologia da Educação Espanhola onde um sociólogo espanhol argumentava que, com a plena adesão da Espanha à CE e com um desenvolvimento industrial crescente (que justificava cada vez mais esta mesma adesão), a "irracionalidade" já não fazia parte da realidade espanhola e, portanto, também não devia fazer parte da análise

sociológica espanhola! Moral da história: as irracionalidades só servem a periferia.

Quanto ao segundo objectivo, estou lembrado das palavras do escritor John Berger (*in Pig Earth*, Londres: The Hogarth Press, 1988 [1979]):

A vida camponesa é uma vida completamente ligada à sobrevivência. Talvez que esta seja a única característica partilhada por todos os camponeses. Podem ser diferentes as suas alfaías, as colheitas, a sua terra e os seus padrões, mas, quer trabalhem numa sociedade capitalista, feudal ou outras não tão facilmente definíveis, quer cultivem arroz em Java, trigo na Escandinávia ou milho na África do Sul, quaisquer que sejam as diferenças de clima, religião e história social, o campesinato pode ser definido, em qualquer lugar, como uma classe de sobreviventes. Durante os últimos 150 anos, a capacidade tenaz dos camponeses para sobreviver tem confundido administradores e teóricos. Hoje, pode ainda dizer-se que os camponeses constituem a maioria no mundo. Contudo, este facto oculta um outro mais significativo. Pela primeira vez, desde sempre, é possível que a classe dos sobreviventes possa não sobreviver. Dentro de um século talvez não haja mais camponeses. Na Europa Ocidental, se os planos resultarem conforme o previsto pelos planeadores económicos, dentro de vinte e cinco anos não haverá mais camponeses. (...) Por razões políticas imediatistas não usam a palavra eliminação, mas modernização. Esta acarreta o desaparecimento dos pequenos camponeses (a maioria) e a transformação da minoria restante em seres sociais e económicos totalmente diferentes. O capital investe no uso intensivo de mecanização e dos químicos, no redimensionamento das explorações produzindo exclusivamente para o mercado, na especialização da produção por área, tudo isto implicando que a família camponesa deixe de ser uma unidade de produção e de consumo e que, em vez disso, o camponês se torne dependente de interesses que o financiam e em simultâneo são seus compradores (Berger, 1988: 196-209).

Diz Filipe Reis: "Chega-se a Vila Ruiva com o intuito de entender como os indivíduos aprendem o saber que lhes garante ter sucesso na vida"—um processo de aprendizagem para além da escola ("tão importante para culturas onde oralidade e escrita coexistem"). O objectivo toma-se aqui a construção de uma arqueologia do saber da cultura oral onde os "(...) textos do saber oral constituem uma espécie de baixo contínuo que suporta a harmonia e define a tonalidade sobre a qual os restantes

instrumentos desenvolvem as suas linhas melódicas" (p. 12).

A acumulação de experiência histórica nesse saber oral é devolvida, defende o autor, "às crianças no interior dos seus grupos domésticos e através do ensino religioso, como forma de subordinar o seu entendimento às categorias que localmente têm permitido o grupo social reproduzir-se" (p. 13). Assim, o trabalho etnográfico incluiu o acompanhamento de grupos de crianças durante o seu quotidiano em situações de jogo e brincadeira e a metodologia dos "T-Groups" durante o período das férias lectivas. É a partir dessa observação que surge a hipótese principal do livro:

É pelo jogo, brincadeira e manipulação de brinquedos que os futuros adultos de Vila Ruiva entendem e, portanto, aprendem o conhecimento reprodutivo que permite calcular economicamente dentro de uma sociedade onde tudo tem valor, mesmo a ocultação que a escola, o ritual e a ansiosa educação doméstica fazem dos princípios que governam a vida dos adultos (p. 13).

Quais as implicações desta análise que toma como ponto de partida o estudo da racionalidade da reprodução social? Na mesma lógica, diz-se: "Neste livro, começo por procurar analisar o conjunto de ideias que, ao longo dos últimos cem anos, têm dinamizado o processo de reprodução social em Vila Ruiva na medida em que sobre elas tem assentado a organização do sistema de trabalho e o cálculo de recursos que permite produzir" (pp. 12/13). Parece, de facto, o modelo marxista de base-superestrutura ao contrário!! Voltando, de novo, à questão das dicotomias, Boaventura de Sousa Santos afirma num trabalho recente ("O Estado e o Direito na Transição Pós-Moderna: para um novo senso comum sobre o poder e o direito", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 30, Junho de 1990):

O projecto de modernidade é fértil em dicotomias, o que em última instância se deve atribuir ao modelo de racionalidade cartesiana que lhe subjaz (...). Esta característica do projecto de modernidade coexiste com uma outra, a ausência ou extrema deficiência de mediações entre as dicotomias (...). Estas duas características são interactivas: o défice da capacidade de mediação exacerba a polarização das dicotomias e, inversamente, esta última agrava o primeiro" (p. 13-14).

Assim, vemo-nos tentados a perguntar ao Filipe Reis (e também ao Raul Iturra): uma vez que se constrói a dicotomia entre duas

racionalidades opostas — a da economia iletrada e a da economia letrada (ou formal) —, qual é a capacidade deste livro (e do projecto mais amplo) de gerar mediações entre as duas racionalidades? A(s) resposta(s) a esta questão têm, nomeadamente, um interesse enorme para um projecto de investigação-acção intitulado “Educação e Diversidade Cultural: para uma sinergia de efeitos de investigação”. Esse projecto, em que estamos envolvidos, propõe-se, precisamente, valorizar a diversidade cultural na escola através, entre outras medidas, do desenvolvimento do conceito do agente educativo inter/multicultural. A questão que aqui queremos colocar, com o intuito de, pelo menos em parte, equacionar a resposta, é a seguinte: não será que as mediações entre as racionalidades têm que passar, *necessariamente*, pela ligação/integração da investigação com (na) acção? O que implicaria, por sua vez, que os agentes de cada lado da dicotomia (construída) tenham que se valorizar mutuamente. Isto equivale, do ponto de vista de quem defende na escola pública o princípio de igualdade de oportunidades de acesso e de sucesso, à descentração da escola para relativizar a cultura dominante nela presente.

Segundo Filipe Reis, a economia iletrada é uma economia que pouco utiliza valores abstractos (a moeda praticamente não intervém) e que produz directamente os recursos que utiliza no seu processo de trabalho (ao nível dos próprios produtores e ao nível da tecnologia empregue). Este conceito é constituído em contraste com aquele da economia letrada — “(...) uma economia que se caracteriza (...) pela procura de um investimento que rende depois um lucro” — baseada na monetarização das relações de produção ou avaliação das capacidades de trabalho dos indivíduos por referência a um equivalente universal — a moeda.

É precisamente esta distinção entre “circuitos internos (derivados de afectividade) e circuitos externos (derivados da teoria da economia formal) que constitui o ponto de partida da análise dos jogos e brinquedos praticados e manipulados pelas crianças de Vila Ruiva” (o produtor rural aprende o referido circuito interno durante a infância) (p. 21).

É através do grupo de jogo (que é um grupo de experimentação) que a criança aprende as bases do cálculo produtivo, elaborado a partir de uma racionalidade afectiva orientada por uma construção ética das

relações sociais. Assim, é a base da racionalidade afectiva que dinamiza a produção de bens (através dos conceitos de *lealdade*, amor e adesão).

Isto, “nos termos da economia formal e do saber letrado, filho do positivismo, constitui porventura um paradoxo”, afirma o autor, porque junta “aquilo que a ciência tanto esforço tem desenvolvido para dissociar definitivamente: a razão e as emoções, a conduta racional que o modelo prevê e rentabiliza, e o irracional que é necessário recuperar. Em pleno furor revolucionário Danton escreveu: ‘As crianças pertencem à República antes de pertencerem aos pais [...]’. É nas escolas nacionais que a criança deve mamar o leite republicano” [...]. Sabemos, contudo, que nem a escola, nem a monetarização das relações sociais, têm conseguido acabar com uma forma de produzir bens que, porque conta com os indivíduos e saberes que estes transportam como primeiros recursos, faz do cultivo das alianças que se mantêm porque decorrem de um entendimento comum do real, a base que organiza as tarefas.” (p. 26).

No passo de John Berger, acima citado, contesta-se este “optimismo” de Filipe Reis: como vimos, Berger defende que “pela primeira vez, desde sempre, é possível que a classe dos sobreviventes possa não sobreviver”. Também tenho dúvidas sobre o retrato pintado da escola e da monetarização como os inimigos da afectividade. E ocorre-me perguntar: será que se cai, com essa argumentação, numa espécie de formalismo onde se constrói um modelo abstracto da escola que não tem nada, ou pelo menos tem pouco, a ver com a escola que, de facto, existe? Constrói-se, assim, um tipo ideal, produzindo uma aparente compreensão “fabulosa”, mas onde, de facto, se condena os dois mundos (rural e economia formal) a coexistirem lado a lado com fronteiras que tocam mas que nunca interagem.

A relação jogos/brincar e a aprendizagem dependem, defende o autor, de três conceitos: habilidade, diligência e valor do trabalho:

Não seria possível aprender de uma prática heterogênea de vida a diligência, a habilidade e o valor do trabalho, se não existisse uma estrutura mental prévia que permita entender as várias experiências com que um indivíduo se confronta, ou seja, que permita abstrair dessa variabilidade princípios orientados da conduta: nisto, consiste aquilo a que estruturalmente se chama

manipulação e que, processualmente, se define por estratégias, só possíveis porque há regras. Isto acontece porque os adultos, com uma experiência heterogênea, foram primeiro crianças que brincaram e jogaram com objectos que permitem uma abertura da mente ao cálculo de valores abstractos (...) (p. 39).

Através dos jogos, realiza-se uma permanente manipulação das regras do mundo dos adultos. Assim, António Lopes, filho da sardineira e personagem central do livro, fogia da mãe, quando jovem, para

(...) brincar à bilharda, ao peão e ao botãozinho, os seus jogos preferidos, através dos quais se impunha ao conjunto dos seus amigos, conseguindo assim subordiná-los. Ele próprio conta que a certa previsão de que o encontro com a mãe à noite lhe valeria uma boa sova, o fazia jogar com um afínco e competitividade que esmagava os outros. O seu ímpeto e destreza eram temidos, como recordam ainda hoje antigos companheiros seus, fazendo de cada disputa um autêntico caso de vida ou morte (p. 41).

Continua Filipe Reis,

A permanente manipulação das regras do mundo dos adultos (particularmente visíveis no caso do jogo do botãozinho e de uma forma geral em todas as situações de jogo onde jogar significava subtrair-se à autoridade materna) indica claramente que foi através destas actividades lúdicas que o pequeno António iniciou a sua aprendizagem no cálculo dos recursos: a habilidade para libertar-se da tutela de sua mãe e desenvolver capacidades que lhe permitiam construir uma rede de aliados alimentada por cumplicidades derivadas da sua destreza e ousadia, com as quais ganhava o seu respeito e admiração (...) (*ibid.*).

Filipe Reis conta como, para António Lopes, "apesar do seu brilhante desempenho enquanto estudante e da ajuda que, eventualmente, recebia dos seus padrinhos de baptismo, António Ramos e Maria Ribeiro (uma família de comerciantes), não havia possibilidade de continuar os estudos para além da escola primária" (*ibid.*) — ele era preciso para o trabalho. E conta também como António Lopes sai da aldeia e como vem a tomar-se emigrante na Alemanha.

O facto é que, apesar de uma argumentação rica e desenvolvida na base de muitas variáveis, o autor nos dá muito poucos dados, mesmo etnográficos, para podermos julgar a autenticidade da ligação que ele

quer fazer entre a socialização a partir de certos princípios da cultura oral e o percurso da vida de António Lopes. Parece haver, por um lado, um certo determinismo estrutural e, por outro, uma certa "caridade não justificada" (como diria Ernest Gellner), que fazem com que não fiquemos totalmente convencidos do peso/da importância que Filipe Reis quer atribuir aos jogos e à sua capacidade de "[...] manipular os limites estreitos em que a (...) vida decorre, maximizando [...] habilidades, afectividades e alianças" (p. 42).

Não obstante algumas interrogações que temos levantado, o livro de Filipe Reis está, de facto, recheado de observações pertinentes para o agente educativo que trabalha na escola pública. Assim, por exemplo, quando diz: "se não aprendem, o facto deve-se à falta de entendimento, não dos conteúdos, mas das condições prévias e necessárias para reproduzi-los com sucesso, ou como os seus pais dizem: 'não aprendem porque só pensam na moína' (actividades que localmente não são consideradas produtivas)" (p. 92). Há uma continuidade, defende o autor, entre professores da escola e os encarregados de educação que se traduz no controlo a) pelos pais dos tempos dos estudos dos seus filhos para reduzir a moína, ou através do "castigo" de ter que trabalhar temporariamente nalguma oficina — tarefa pesada — encorajando-os a mudar de ideias e a decidir aprender o saber da escola. "Por outro lado, (b) os professores destinam trabalhos escolares que devem ser feitos em casa, aos quais as crianças chamam *obrigações*, e privam do recreio (...) os que não fazem esses trabalhos" (p. 92).

Gostava de acabar esta recensão com a seguinte citação da página 123:

Muito duvidou Freud antes de acreditar que a infância tinha sexualidade. Muito tem custado aos antropólogos pensar na troca entre crianças porque, como Freud, temos delas o arquétipo de anjos. Só que a troca não é interesseira, é um conhecimento essencial para a reprodução humana. É este o circuito fundamental pelo qual passa o futuro produtor no seu aprendizado, que António Lopes teve, e que lhe permitiu abandonar a aldeia muito cedo e tornar-se num comerciante depois. Deixo, assim, esta proposta que me coloca já fora do tema do capítulo e me faz confrontar com a necessidade de desmontar o arquétipo da inocência infantil para substituí-lo, à maneira de Malinowski, pela carne e pelo osso do saber da economia iletrada no mundo infantil, o

qual tem permitido a manutenção da sociedade camponesa, apesar do pensamento e das predições da economia letrada, dentro da história.

Estas frases bonitas e ousadas contêm, a nosso ver, tudo o que temos vindo a elogiar e tudo o que temos vindo a questionar.

Agora, cada leitor dirá da sua justiça... ■

Steve Stoer

Bela Feldman-Bianco, Michael Majors, Peter O'Neil, *Saudade* (video-documentário), 1991

Com este documentário, Bela Bianco mostra — e mostra magistralmente — vários processos que de certo modo concorrem para que a imigração se transforme numa magnífica aventura. Primeiro, porque contrasta o estrangeiro indefeso e só diante de uma outra cultura, uma outra língua e uma outra sociedade. Depois, porque descreve como a mudança de um sistema para outro implica numa multiplicidade de processos simultâneos, todos indicadores de ajustamentos recíprocos. Assim, é parte fundamental deste importante vídeo, um estilo narrativo cheio de compreensão pelos imigrantes lusos que vieram dos Açores e de Portugal para a norte-americana New Bedford, importante cidade industrial do Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos.

Como estes homens e mulheres de certo modo se transformaram em "americanos" por meio de um sucessivo jogo simbólico real entre aquilo que eram e aquilo que a nova sociedade queria que fossem. Se todos mudaram na proporção de sua inserção dentro de um sistema impessoal que os obrigava a fazer certas coisas — a falar uma língua desconhecida, a trabalhar dentro de uma estrutura marcada pela informalidade, a estarem radicalmente separados da terra e do estilo de ganho artesanal, realizado em casa — todos, por sua vez, marcaram recíproca e dialeticamente essa New Bedford onde viveram. Deste modo, se eles todos se "americanizaram", a New Bedford da Nova Inglaterra, reduto máximo dos valores puritanos que formam o coração dos Estados Unidos, foi também marcada pelos imigrantes que a fizeram um pouco como Portugal. Assim, todos esses milhares de imigrantes foram modificados e foram

agentes de mudança. Mas não deixaram de ser sobretudo portugueses no modo pelo qual leram e interpretaram suas experiências em terras da Nova Inglaterra. São assim tocantes as imagens da moderna New Bedford a exibir nas ruas, espaços e tempos norte-americanos, as cicatrizes dos imigrantes portugueses que acolheu. Do mesmo modo, são igualmente tocantes as visões destes rostos lusos repletos de honra, dignidade e orgulho, a exibir as marcas de sua passagem da terra natal para o mundo do capitalismo individualista, igualitário e moderno dos Estados Unidos.

Em *Saudade*, Bela Bianco, orquestra todos esses elementos para mostrar como esse processo (ou processos) se cristaliza na vida de sete imigrantes. Usando os recursos de uma linguagem capaz de dar aos personagens um toque que os faz maior que a vida, *Saudade* mostra como Joe Vieira, Francelina Cordeiro, Manuel Pinho, Basílio Souza, Maria do Carmo Pereira, Manuel Fernandes e Maria José Carvalho, foram moldados e moldaram essa grande viagem que os levou à América. Todos dando e recebendo alguma coisa para a sua nova terra.

Vindos para New Bedford para o trabalho nas suas fábricas de tecidos, todos passaram pelos altos e baixos dos inevitáveis ciclos econômicos, das greves, das recessões e das duras políticas migratórias. Todos falam com orgulho e saudade de como foram capazes de sobreviver as barreiras da escolaridade e do preconceito. Como encontraram alento dentro de suas próprias vidas e cultura para enfrentar o mundo desconhecido. E como a casa, a família e os amigos — esses elementos fundamentais da chamada "dimensão étnica" — foram instituições fundamentais para que esse processo se desse dentro dos limites da transformação cultural digna e honrosa.

No final do trajeto, o vídeo captura com rara nitidez, como eles todos enfrentaram e de certo modo venceram a poderosa América. De facto, depois de um encontro frontalmente desigual de mais de um século, esses imigrantes não se transformaram em indivíduos autônomos e auto-referidos, compartimentalizados por um estilo de vida que conduz ao consumo conspícuo e individualizado, denegrindo um estilo relacional e comunitário de vida. Muito pelo contrário, em vez de virarem modernos americanos, pulverizados na pós-modernidade de uma tão apregoadada "cultura de massas" que tudo



fragmenta, redefine, reinventa e idealisticamente imagina, esses portugueses contrariam tudo, pois jamais perdem de vista os valores do seu Portugal nativo. O que o filme de Bela Bianco mostra de modo exemplar, portanto, é o poder de resistência dos valores tradicionais que permitem que todos esses homens e mulheres inventem na América, o seu Portugal. Um Portugal ainda melhor e mais rico do que o Portugal empírico (se é que tal coisa existe realmente). Um Portugal perfeito e perpétuo porque construído na medida do seu novo meio e de suas novas identidades. Um Portugal americano, feito de lazer e de conforto, de saudável ideologia calvinista que glorifica o trabalho árduo e dá prêmios aos trabalhadores. Um Portugal, enfim, marcado pela celebração periódica e benfazeja da sua identidade coletiva no que ela tem de melhor porque em terras estranhas, o imigrante sofre, mas seleciona e escolhe o que quer revelar da sua comunidade natal.

Do mesmo modo, o vídeo indica como a sociedade americana, marcada pela impessoalidade de um capitalismo que quer do trabalhador apenas sua força de trabalho, mas deixa-o em paz quando ele ou ela não se encontram no âmbito da fábrica. Assim, dentro da fábrica são apêndices de máquinas, realizando aquelas tarefas automáticas que são marca de um tempo disciplinar no melhor estilo do historiador social inglês E. P. Thompson. Mas fora dali recriam no espaço íntimo da casa o Portugal idealizado do seu passado — de suas infâncias e juventudes. Na casa, então, transformam-se novamente em pequenos agricultores, em artistas e em artesãos que trabalham num ritmo próprio. Ritmo marcado por uma concepção de trabalho socialmente embebido. Trabalho que é definido pelas suas próprias tarefas e não mais por exigências impessoais de uma produção num tempo que se transforma em mercadoria e deve ser medido, economizado, comprado e vendido. Curioso, pois, que pelo menos dois desses sete portugueses, recriem em New Bedford a terra de trabalho dos seus ancestrais. Terra que produz vinho

e pão. Terra que é pecúnia básica, que é natureza e vida. E que é também a melhor imagem de sua sociedade.

Como uma verdadeira saga da imigração portuguesa nos Estados Unidos, esse filme é um importante documento de como os portugueses em New Bedford conseguiram ajustar-se a uma cultura diversa e como eles realizaram esse ajustamento utilizando conceitos e noções que faziam parte do seu próprio mundo cultural. É assim que a saudade, como conceito sócio-cultural, acaba sendo a categoria que permite a integração do tempo e do espaço, da biografia e da história social, dos processos impessoais vividos em espaços institucionalizados e as duras transformações pessoais, marcadas pela presença da morte dos limites físicos de cada indivíduo como pessoa humana insubstituível e sempre ligada a uma família e a uma casa.

Nesta *Saudade* de Bela Bianco, portanto, temos um precioso exemplo do lado humano do processo migratório. Lado humano que no caso luso é marcado tanto por processos sócio-culturais e econômicos bem conhecidos, bastante estudados e universais, quanto pelos valores cristalizados em instituições como a família, o amor filial e a saudade. Saudade que é o código através do qual se podem articular todos esses processos simultâneos que a onda migratória sempre deflagra. Neste sentido, trata-se de um trabalho pioneiro, marcado pelo impecável uso de categorias antropológicas e por um olhar historizante positivo, a serviço de uma história social verdadeiramente humana.

Poucas vezes assisti a um documentário tão marcadamente humano e empático. E poucas vezes vi na tela de minha televisão depoimentos tão sinceros, quanto familiares. Pois não é articulando a vida com a saudade que nos damos conta que, afinal de contas, somos todos passageiros, todos imigrantes? ■

Roberto DaMatta